

Raios de sol nas horas mais sombrias,
noite de lua a se espelhar nos lagos!
Assim é teu olhar, luz dos meus dias,
num festival de afetos e de afagos.
Douras o céu de minhas fantasias,
quando me acenas nos meus sonhos vagos.
Com teu sorriso em divinas magias,
pulcra miragem dos teus olhos magos.
Tais emoções que mal posso contê-las,
deixam-me insone, contemplando estrelas,
e deslumbrada, assim que te aproximás...
Tento em meus versos refrear desejos,
minha alma inteira desfalece em beijos,
teu corpo inteiro refloresce em rimas!...

Deixando os dissabores para trás

Cidoca da Silva Velho (Maria Campos da Silva Velho), Entardecer, 2009, Editora in House: www.editorainhouse.com.br
Correspondência: Av. Dr. David Zoilo Morandini 638, Jardim Paulista II: 13208-380 – Jundiá, SP

Brigamos, mas a tormenta
em instantes se desfaz;
um grande amor sempre inventa
um arco-íris de paz.

Domitila Borges Beltrame, 1104
Trovos e Poemas, CP 123192:
28230-000 – S. Fco. de Itabapoana/RJ

Jamais tenho os dias vão.
Nem solidão há comigo.
Tendo um bom livro nas mãos,
tenho nas mãos um amigo.

Cidoca da Silva Velho (Maria Campos da Silva Velho), Entardecer, Editora in House 2009. Correspondência: Av. Dr. David Zoilo Morandini 638, Jardim Paulista II: 13208-380 – Jundiá, SP

No país dos desiguais
onde alguns têm outros não,
que a caridade jamais
seja um pedaço de pão.

José Deusdet Rocha, 1103 Trinos
do Pitiguari: Rua.Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

Toda essa felicidade,
que procura por aí,
encontrará, em verdade,
dentro, bem dentro de ti.

Eu e o sapo temos tosca
maneira de encher o papo:
feliz, ele engole mosca
e eu, à força, engulo sapo.

José Lucas de Barros, 1104 Trovia:
alkalu77@gmail.com; visite:
www.falandodetrova.com.br

As filigranas em pratos
– nos cabelos esparzidas –
é o prêmio de muitas datas,
marcadas em nossas vidas!

Quisera, amor, contigo, bem cedinho,
seguir tranquila pela estrada além...
dizendo ao transeulo do caminho,
que te amo muito e tu me queres bem.
Iríamos ouvir o burburinho
das águas, que com pedras se entretêm,
da cascata formando remoinho,
de espumas, rolando num vaivém.
Veríamos nascer a madrugada!
Há sempre luz na esteira dos caminhos
pelo incêndio de rosas da alvorada!
E quando os galhos embalsassem ninhos,
no aconchego do amor, à passarada,
iríamos juntar nossos carinhos.

Encantado desejo

Em sua face mimoso
boquinha de muito riso;
sob um laço cor-de-rosa
cabecinha sem juízo.

Josué Anacleto Vieira, 1104
Fanal: R.Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

No berço, a criança dorme,
entre nuvens de setim;
e, numa ternura enorme,
sinto o céu bem junto a mim!

Neste instante, ó alma irmã,
velha sentença se afiora:
não deixe para amanhã,
se puder fazer agora.

Manoel F. Menendez

Mãos de Mãe, envelhecidas
pelo labor que enobrece,
são como conchas unidas,
na ternura de uma prece!

Com efeito, lê-se, em qualquer
dicionário: *Presidenta*.
Não deixa de ser: *mulher*
que preside e nos orienta.
Sinésio Cabral, 1103, Aconte-
cências: R. Manoel F. Albuq. 457
53427-270 – Paulista, PE

Gerardo Diego 1896-1987, Sevillanas,
Versos Escogidos, 1970
Editorial Gredos, S.A., Madrid

cómo se esquivan, buscan, curvan, yerguen,
riman rubrican firmas sevillanas.
Dos mariposas cruzanse academias
– sin llegar nunca al beso – sevillanas.
Los palillos felices vuelan, toman,
aleatana, gorjean sevillanas
y quiebrase al final cada figura
en variación de estampas sevillanas.

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.05.11, enviar até 3 haicus de quigos: Nêspera, Neve, Vaquejada.
Até o dia 30.06.11, enviar até 3 haicus de quigos: Buganvília, Gatinho (filhote), Sete de Setembro.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou mfmendez@superig.com.br

Em vez de eliminar o tremá, por que não substituir só a letra q pela c?



QUIDAIAS DE OUTONO – TEMAS DE OUTONO

Pequena sardinha
é o peixe preso na rede...
Debate-se muito...
Angela Guerra de Andrade

Dia das Mães.
Um sorriso angelical
num rosto cansado...
Iraí Verdan

Rosa na janela
orvalho nas brancas pétalas
um casal namora.
Luiza Nelma Fillus

Folha amarelada,
na ponta do galho da árvore,
presa por um fio.
Mª Marlene N. T. Pinto

De repente,
espanto!
estrela cadente!
Marilena J. S. Novaes

Grilo cantor
se apresenta no meu quarto.
Sono interrompido.
Regina Célia de Andrade

No sítio tranquilo
não consigo adormecer –
grilo na janela.
Sonia Rodrigues

Barulhinho bom
despertando na manhã
pica-pau na árvore. E
Alba Cristina

Perfuração na árvore.
E o pica-pau se fartando
das larvas de insetos. B
Analice Feitoza de Lima

Vaso na janela.
Belos crisântemos róseos.
Final de verão. C
Angelica Villela Santos

Por cima das nuvens
comemorando o seu Dia.
Dia da Aeromoça. M
Argemira F. Marcondes

Num olhar longínquo,
a plantação de crisântemos
parece um tapete. H
Flávio Ferreira da Silva

A planta floriu
crisântemos amarelos,
surgem abelhas. M
Maria App. Picanço Goulart

Na rua, a caçamba
com vaso quebrado:
crisântemo murcho. Y
Neuza Pommer

Avião em festa
no Dia da Aeromoça
é voo lotado. Y
Alba Cristina

Flores amarelas.
Voando em volta ao crisântemo
brancas borboletas. E
Analice Feitoza de Lima

Bicando, bicando,
o pica-pau faz sua casa
no tronco da árvore. M
Angelica Villela Santos

No bosque solitário
ativo pica-pau
honra seu nome. H
Denise Cataldi

Que manhã!
diz sorrindo a aeronauta,
dia da aeromoça. Y
Manoel F. Menendez

Apertem os cintos,
diz sorrindo a aeronauta,
dia da aeromoça. Y
Maria App. Picanço Goulart

Festa nas alturas
no Dia da Aeromoça.
Pilotos aplaudem. H
Renata Paccola

Flores estelares,
no canteiro de crisântemos...
Tapete celeste! H
Amália Marie Gerda

Copos tilintando.
No Dia da Aeromoça
todas animadas. M
Analice Feitoza de Lima

Cabeça vermelha,
o pica-pau se diverte
bicando uma árvore. C
Argemira F. Marcondes

Branços crisântemos
misturados aos lílãs.
Jardim de casa. M
Denise Cataldi

Onde segue
a cumprimentam.
Dia da Aeromoça. Y
Manoel F. Menendez

Barulho na mata,
buracos nos troncos.
Pica-pau. E
Neuza Pommer

Garota no campo
lembra historias infantis
ao ver pica-pau. M
Renata Paccola

O seu grande Dia,
sorrindo, a aeromoça o goza
pertinho do céu. M
Amália Marie Gerda

Flores nos aviões
e cartões de parabéns.
Dia da Aeromoça. A
Angelica Villela Santos

A moça extasiada
ao olhar o crisântemo
no jardim da praça. H
Argemira F. Marcondes

De forma incessante,
pica-pau vai perfurando
o tronco da árvore. H
Flávio Ferreira da Silva

Picando a árvore,
ouvindo o som da madeira,
pica-pau constrói. M
Maria App. Picanço Goulart

Em meio aos aplausos,
atravessa o saguão.
Dia da Aeromoça. H
Neuza Pommer

No meio da tarde,
imagem de um pica-pau
agarrado à árvore. M
Renata Paccola

A O M E L E T E B I Z A N T I N A

Saki (Hector Hugh Munro), Um gato indiscreto e outros contos, trad. Francisco Araujo da Costa, 2009, Editora Hedra Ltda.: www.hedra.com.br

Sophie Chattel-Monkheim era socialista por convicção e Chattel-Monkheim por casamento. O membro específico da abastada família com quem havia se casado era rico, mesmo do modo como seus parentes contam riquezas. Sophie tinha ideias muito avançadas e decididas sobre a distribuição de dinheiro: era uma circunstância agradável e afortunada que também possuísse dinheiro. Quando investia eloquentemente contra os males do capitalismo nas reuniões de salão e nas conferências fabianistas, estava

consciente de uma sensação confortável de que o sistema, com todas as suas desigualdades e iniquidades, provavelmente a sobreviveria. É um dos consolos dos reformistas de meia-idade que o bem que inculcaram, se há de existir, deve existir depois deles.

Certa manhã de primavera, perto da hora do jantar, Sophie sentava-se tranquilamente entre seu espelho e sua criada, passando pelo processo de ter seu cabelo construído em um complicado reflexo da moda prevalente. Ela estava

cercada de uma grande paz, a paz de alguém que conquistou um fim desejado com muito esforço e perseverança, e que o descobriu ainda eminentemente desejável em sua conquista. O Duque da Síria consentira em vir ao seu lar como convidado, estava neste momento instalado sob seu teto e logo estaria sentado em sua mesa de jantar. Como boa socialista, Sophie reprovava as distinções sociais e zombava da ideia de uma casta principesca, mas se tais gradações artificiais de posição e dignidade

precisavam existir, ela estava contente e ansiosa por ter um espécime elevado de uma ordem elevada incluído em sua festa. Sua mente era aberta o suficiente para amar o pecador mesmo odiando o pecado – não que nutrisse qualquer sentimento maior de afeto pessoal pelo Duque da Síria, que era relativamente um estranho, mas, ainda assim, enquanto Duque da Síria, ele era muito, muito bem-vindo sob seu teto. Sophie não poderia explicar por que, mas provavelmente ninguém lhe pediria uma expli-

ção, e a maioria das anfitriãs a invejava.

“Você precisa se superar esta noite, Richardson”, disse complacientemente à sua criada. “Tenho que estar no meu melhor. Todos precisamos nos superar”.

A criada nada disse, mas pelo seu olhar concentrado e os toques hábeis de seus dedos, era evidente que estava tomada pela ambição de se superar.

Ouviu-se uma batida na porta, uma batida quieta, mas decisiva, como se de alguém que não seria negado.

“Vá ver quem é”, disse Sophie. “Pode ter algo a ver com o vinho”.

Richardson teve uma conferência apressada com um mensageiro invisível na porta; quando voltou, destacava-se uma curiosa desatenção onde antes havia modos alertas.

“O que é?”, perguntou Sophie.

“Os criados da casa ‘cruzaram os braços’, senhora”, disse Richardson.

“Cruzaram os braços!”, exclamou Sophie. “Você quer dizer que eles entraram em greve?”

“Sim, senhora”, disse Richardson, adicionando a informação: “O problema é com Gaspare”.

“Gaspare?”, disse Sophie vagueando. “O chef de emergência! O especialista em omeletes!”

“Sim senhora. Antes de se tornar um especialista em omeletes, ele era *valet de chambre* e foi um dos fura-greves durante a greve geral na casa de Lord Grimford dois anos atrás. Assim que a equipe daí descobriu que a senhora contratou Gaspare, resolveram ‘cruzar os braços’ em protesto. Ninguém tem nenhuma reclamação pessoal contra a senhora, mas exigem que Gaspare seja demitido imediatamente”.

“Mas”, protestou Sophie, “ele é o único homem na Inglaterra que sabe como fazer uma omelete bizantina. Eu o contratei especialmente para a visita do Duque da Síria, e seria impossível substituí-lo em cima da hora. Seria

preciso chamar alguém de Paris. E o Duque adora omeletes bizantinas. Foi a única coisa sobre a qual conversamos quando vínhamos da estação”.

“Ele foi um dos fura-greves na casa de Lord Grimford”, reiterou Richardson.

“Isso é terrível”, disse Sophie. “Uma greve de criados numa hora destas, com o Duque da Síria aqui. Algo deve ser feito imediatamente. Rápido, termine meu cabelo e eu vou lá ver o que posso fazer para que mudem de ideia”.

“Não posso terminar seu cabelo, senhora”, disse Richardson calmamente, mas com imensa decisão. “Sou do sindicato e não posso fazer outro meio minuto de trabalho até que a greve esteja resolvida. Desculpe por não poder atendê-la”.

“Mas isto é desumano!”, exclamou Sophie tragicamente. “Sempre fui uma patroa modelo e me recusei a contratar qualquer criado que não fosse sindicalizado, e este é o resultado. Eu não posso terminar meu cabelo sozinha; eu não sei como. O que vou fazer? É maldade!”

“Maldade é a palavra certa”, disse Richardson. “Eu sou uma boa conservadora e não tenho paciência com esse besteirol socialista, com seu perdão. É tirania, é bem o que é, de cabo a rabo, mas tenho que ganhar meu pão que nem todo mundo e tenho que fazer parte do sindicato. Não posso encostar em único grampo de cabelo sem permissão do comando de greve, nem que a senhora dobre o meu salário”.

A porta se abriu e Catherine Malsom entrou, furiosa.

“Aqui está um belo caso”, gritou, “uma greve de criados domésticos sem aviso prévio, e eu fico assim! Não posso aparecer em público neste estado”.

Após um escrutínio apressado, Sophie lhe assegurou que não podia mesmo.

“Todos aderiram?”, perguntou para a criada.

“A equipe da cozinha não”, disse Richardson. “Eles pertencem a outro sindicato”.

“Pelo menos o jantar está garantido”, disse Sophie. “Podemos ser gratos por isso”.

“Jantar!”, bufou Catherine. “De que diabos serve um jantar quando nenhum de nós vai poder aparecer? Olhe para o seu cabelo! Olhe para mim! Ou melhor, não olhe”.

“Eu sei que é difícil se arranjar sem uma empregada; seu marido não pode ajudá-la?”, perguntou Sophie em desespero.

“Henry? Ele está pior do que qualquer um de nós. Seu *valet* é a única pessoa que entende de verdade aquela ridícula geringonça de banho turco que insiste em levar para todo lugar”.

“Certamente ele pode passar uma noite sem um banho turco”, disse Sophie. “Eu não posso aparecer sem meu cabelo, mas um banho turco é um luxo”.

“Minha boa senhora”, disse Catherine, falando com uma intensidade temerosa, “Henry estava no banho quando a greve começou. Dentro dele, entende? Ele está lá agora mesmo”.

“Ele não consegue sair?”

“Ele não sabe como. Cada vez que puxa a alavanca marcada ‘soltar’, apenas solta vapor quente. Há dois tipos de vapor no banho, ‘suportável’ e ‘quase suportável’, e Henry já soltou ambos. A esta hora, provavelmente estou viúva”.

“Não posso simplesmente mandar Gaspare embora”, chorou Sophie. “Seria impossível arranjar outro especialista em omeletes”.

“Qualquer dificuldade que eu possa ter em arranjar outro marido é obviamente uma bobagem abaixo da consideração de qualquer pessoa”, disse Catherine com amargura.

Sophie capitulou. “Vá”, disse a Richardson, “e diga ao comando de greve, ou seja lá quem estiver dirigindo este caso, que Gaspare está demitido. E peça a Gaspare para ir me encontrar imediatamente na biblioteca que lhe pagarei o que devo e darei as desculpas que puder. Depois voe de volta e termine meu cabelo”.

Cerca de meia hora depois, Sophie reuniu seus convidados no Salão Principal em preparação para a marcha formal à sala de jantar. Afora o fato de Henry Malsom estar da cor de framboesa madura que se vê às vezes em teatros privados representando a tez humana, havia pouco sinal externo entre os presentes da crise que haviam acabado de enfrentar e superar. Mas a tensão fora entorpecedora demais enquanto durou para não deixar alguns efeitos mentais atrás de si. Sophie falava ao acaso com seu convidado ilustre e percebeu seus olhos desviando-se com frequência cada vez maior em direção às grandes portas de onde logo viria o abençoado anúncio de que o jantar seria servido. De vez em quando, enxergava no espelho o reflexo de seu cabelo maravilhosamente penteado, como um segurador observaria agradecido um navio atrasado que chega seguro ao porto após um furacão devastador. Então, as portas se abriram e a figura bem-vinda do mordomo entrou na sala. Mas ele não fez nenhum anúncio geral de um banquete estar em prontidão, e as portas se fecharam atrás dele; sua mensagem era apenas para Sophie.

“Não há jantar, senhora”, disse gravemente. “A equipe da cozinha ‘cruzou os braços’. Gaspare pertence ao Sindicato de Cozinheiros e Empregados de Cozinha, e eles entraram em greve logo que souberam de sua demissão sumária. Exigem sua recontração imediata e um pedido de desculpas ao sindicato. Também devo dizer, senhora, que estão muito firmes. Fui obrigado até mesmo a devolver os *pãezinhos* que já estavam na mesa”.

Após o lapso de dezoito meses, Sophie Chatel-Monkheim está começando a aparecer novamente entre seus antigos conhecidos, mas ainda precisa ser muito cuidadosa. Os médicos não permitem que participe de nada muito estimulante, como uma reunião de salão ou uma conferência fabianista; duvida-se, na verdade, que ela queira.

Renúncia... amor machucado que o peito teima em guardar, como se fosse pecado a novo amor se entregar. Amália Max	Não sei como estou vivendo, mas nunca mais fui feliz, só sei quanto me arrependo pela renúncia que fiz. Argemira Fernandes Marcondes	Sem um olhar de denúncia, sem uma queixa, sem nada... a renúncia é mais renúncia quando é renúncia calada! Arlindo Thadeu Hagen	O que renúncia à luta sem sequer, querer tentar não vê que a vida é labuta e que viver... é lutar... Bessant dos Santos, Nêlio	Na renúncia, quanta mágoa, dois corações padecendo, e nos olhos rasos d'água, quantos sonhos vão morrendo. Campos Sales	Não tive infância risonha, mas sempre fui sonhadora. A renúncia de quem sonha transformou-me em trovadora! Célia Guimarães Santana
Foi a renúncia mais bela que na minha vida eu vi; – Deixei tudo só por ela... E só com ela eu vivi... Dari Pereira	Renúncia, cruel desmando do destino a que me oponho, a todo instante voando, nas asas de um novo sonho... Darly O. Barros	Renúncia é deixar o sonho na metade do caminho... Fingir que o mundo é risonho e tentar seguir... sozinho... Ercy Maria Marques de Faria	Minha renúncia... quem sabe... não seja a chave secreta, de tudo quanto só cabe na inspiração de um poeta! Francisco Garcia de Araujo	Quem ama sabe o valor que a renúncia pode ter, porque, nas brigas de amor, renunciar não é perder! Heron Patrício	Ao fingir indiferença renúncias fiz, por vaidade, e recebi por sentença o mal chamados saudade. Jupyra Vasconcelos
Renúncia é última fuga, do coração sofredor, quando não cabe mais ruga no rosto triste do amor. Marcos Ant ^o de Andrade Medeiros	Em renúncia e desalento a mocidade passei. Hoje, em versos, eu lamento os beijos que não te dei. Maria Campos da Silva Velho	Renúncia maior não há, que o da mãe que empunha a enxada, e o que pode... aos filhos dá... seus sonhos, seu chão, seu nada! Olga Agulhon	No instante da despedida, o pranto contido... o adeus, marcando por toda a vida renúncia dos sonhos meus. Relva do Egypto Rezende Silveira	Não divulgues em verso e prosa os sacrifícios que enfrenta; a renúncia mais valiosa é aquela que não se ostenta... Renata Paccola	Uma lágrima dorida, nos olhos turvos, tristonhos, no encontro da despedida, a renúncia dos meus sonhos. Sonia Maria Sobreira da Silva
Ante os embates da vida, sempre à renúncia me oponho e, se acaso sou vencida, não renuncio ao meu sonho! Thereza Costa Val	Quanta angústia se reparte no momento da partida, se a renúncia de quem parte parte o sonho de uma vida!... Thereza Costa Val	A renúncia mais sofrida – de todas que eu enfrentei foi no instante da partida, quando no cais te deixei... Thereza Costa Val	A renúncia, da razão ao amor, que é meu sofrer, contraria o coração que jura... não te esquecer! Therezinha Diegues Brisolla	Renúncia ao amor agora porque me alcança o poente! Jamais! O amor é aurora que raia dentro da gente! Wanda de Paula Mouthé	A nossa renúncia agora, no avançar frio da idade, apagou a luz da aurora, acendeu a da saudade... Yvone Taglialegna Prado

IV Concurso Estadual de Trovas e Poemas, 2010 – Homenagem a João Chaves

UBT Delegacia de Montes Claros e Academia Montesclarensense de Letras e Academia Feminina de Letras de Montes Claros – Gentileza de Cecy Tapinambá Ulhôa

C I D A D E S M O R T A S

Monteiro Lobato, 24ª Edição 1984, Editora Brasiliense S. A. – Gentileza de www.bookcrossing.com – BCID 585-6447506, Casa das Rosas

TOQUE OUTRA

– Ora toque, Sinhazinha, toque!
– Mas eu não sei...
– Não faz mal, toque assim mesmo, não se faça de rogada. Aquela valsinha...
A pálida menina geme novos luxinhos feaciros, torce os pingentes da almofada e por fim levanta-se, toda dengues, a desculpar-se.

– Vou errar tudo, não tenho estudado há muitos dias, estou esquecida...
– Não faz mal, toque!...

Sinhazinha senta-se ao piano, folheia a maçoara de músicas e, preguiçosamente, abre diante de si uma valsa de Aurélio Cavalcanti.

E toca: *blem, blem, belelem...*

A sala então, que só aquilo esperava, afunda na conversa. O barulho do piano, abafando o tom geral da palestra, dá azo à deflência dos duos, em que cada um pega de cochicho com quem mais o atende. As matronas, donas de casa, caem no assunto dileto – os criados.

– Ai, os criados. Que gente, prima! Que peste! Não fazem *isto* sem uma pessoa estar em cima; se vão a compras, roubam no troco... E não se lhes diga uma palavrinha! Pedem a conta e dizem desaforos; os demônios...

As meninas rodeiam o moço, que impa como um galo e desdobra o farnel da banalidade tão cara às mulheres; todas ouvem-no atentas, bebem-lhe os ditos, riem das suas pilherias, acham-no levado.

Titinha diz, servendo-o com os olhos:

– Este seu Raul é mesmo da pele!

Num desvão da janela cochicha-se um namoro: a das Dores conta à do Carmo que não gosta mais do Luisinho por umas certas coisas que viu no último baile. Do Carmo comenta, sentenciosamente:

– Os homens! Os homens!...

Duas em outro canto riem perdidamente, em casquinadas argentinas.

Nisto, Sinhazinha acaba a valsa. A sala dá pela coisa, interrompe a tagarelice e pede mais:

– Muito bem, Sinhazinha, muito bem! Toque outra!...
Sinhazinha ataca um xote.
A sala retorna aos temas interrompidos.
– Mas... como eu ia contando...

Impossível negar as vantagens sociais da música.

RABULICES

Nos dias de Júri reúnem-se os advogados e rúbulas na ante-sala do tribunal, os primeiros a virem, os últimos a saírem, como gente que procura gozar, bem gozado, um ambiente poucas vezes fornecido pelas circunstâncias. E, como peixe n'água, à vontade, dão trela à comichão mexeriqueira da rabulice, esquecendo-se em interminável prosa sobre processos, atos judiciários, movimento forense, nomeações, negócios profissionais, pilhérias jurídicas.

As cabeças estão abarrotadas de leis, regulamentos, decretos e fatos jurídicos, de modo a só tomarem conhecimento das relações entre o fato e a lei escrita, e nunca entre o fato e a lei natural – o que é próprio do filósofo. Na natureza só veem coisas fungíveis, infungíveis, móveis, imóveis, semoventes, bens, *res nullius*, artigos de *enfiteuse* – a carne e o osso, enfim, da propriedade. Essa janelinha que o artista e o filósofo trazem aberta para a natureza bruta; ou para a humanidade, vistas, uma como turbilhão de forças em perene esfervilhar, outra como oceano de paixões onde se debate o *Homo* – animal filho da natureza, todo ele vegetação viçosa de instintos irredutíveis – o homem de leis abre-a para a rede de fios que atam os homens entre si ou à Natureza convertida em *propriedade*.

E toda a maranha velhaca, que isso é, engloba-se dentro da mais bela concepção do idealismo – a Justiça.